

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## AS MULHERES DA CORTE PERSA: A REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE NAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

Amabile Helena Zanco<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas

mabi\_zanco@hotmail.com

**Resumo:** Neste artigo, analisamos o discurso de alteridade presente nas *Histórias* de Heródoto em relação às mulheres da corte persa, apresentadas em alguns casos nas fontes clássicas como cruéis, fúteis, controladoras e conspiradoras, mas da mesma forma retratadas enquanto agentes econômicos, políticos, religiosos e culturais, indivíduos com astúcia, inteligência e moderação, que atravessando o cenário político de suas sociedades interferem no funcionamento do chamado ‘mundo dos homens’. O estudo das mulheres persas nos permite refletir sobre a concepção masculina grega, em especial a ateniense, em relação às mulheres em sua sociedade, os comportamentos esperados e os espaços por elas ocupados, assim como ações que desviam destas normas estabelecidas, pois acreditamos que a necessidade de descrever a diferença em mulheres bárbaras, em atitudes reprovadas pelo pensamento grego, marca a presença de condutas similares em sua própria sociedade.

**Palavras-chave:** mulheres, corte persa, alteridade.

### Introdução

A maior parte da documentação acerca das mulheres persas às quais temos acesso hoje provém de fontes clássicas como Ésquilo, Heródoto, Ctésias e Xenofonte, uma vez que não era costume persa memorizar o feminino em seus monumentos. Logo, quando analisamos as representações de mulheres persas em obras como as *Histórias*, não podemos nos esquecer de que se tratam de construções sobre um ‘outro’, interpretações

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas. Mestranda em História Cultural na Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari: processo nº 2019/21963-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sujeitas a uma série de pré-concepções e interesses daqueles que a produzem, tendo em mente o público para o qual o discurso é elaborado.

Em nossa pesquisa de mestrado, buscamos pela maneira como o chamado ‘pai da história’ retratou em suas *Histórias* o feminino, em especial as mulheres da corte persa, levando em conta a alteridade presente em seus relatos, tanto no caso do bárbaro quanto na questão do gênero. Como diversos estudiosos já apontaram, existiu uma tradição grega que com frequência representava o bárbaro persa como um ‘contra-modelo moral’ (GARCÍA-SÁNCHEZ, 2012, p. 44), receptáculo das condutas repudiadas pelo ideal cívico ateniense, como excesso, luxo e arrogância, presentes nos retratos de alguns dos Grandes Reis que podemos observar nas fontes clássicas, como o lamentoso Xerxes d’*Os persas* de Ésquilo e o imprudente Cambises de Heródoto. O falar sobre o feminino nesse ambiente inclui ao debate da alteridade a questão do gênero. Como apontou Marta de Andrade em seu estudo do feminino na construção da cidadania ateniense (2001, p. 11), a mulher era um ‘outro’ do universo masculino, um ‘outro’ essencial para a manutenção da pólis, uma vez que era responsável pela geração de novos cidadãos. Por conta disso, afirmamos que analisar as mulheres persas se trata de olhar para o ‘outro’ do ‘outro’.

Heródoto inclui ao longo de suas narrativas diversas mulheres, dos mundos grego e bárbaro, e dentre as últimas personagens como as rainhas Atossa e Amestris e membros da nobreza como Faidime e Artainte apresentam participação relevante nos acontecimentos e decisões políticas da corte persa. De acordo com Carolyn Dewald, as ocorrências femininas nas *Histórias* são acidentais, uma vez que elas não eram o foco central do autor, mas que por esse motivo a fonte pode nos revelar comportamentos e valores femininos que outros documentos que tinham as mulheres em foco deixavam passar (DEWALD, 1981, p. 94).

É decerto comum nos estudos sobre as mulheres da corte persa o uso do termo harém, do árabe *ha’ram*, uma instituição das sociedades muçulmanas que definia um grupo de mulheres ou o espaço reservado para elas dentro do lar. Dominique Lenfant observa que em árabe

harem significa “proibido” ou “sagrado”. Nomeia (entre outras coisas) a parte da residência onde as mulheres vivem, e supostamente deve assegurar seu

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

isolamento máximo, pois só pode ser acessado por homens da família. A palavra também pode designar a coletividade de mulheres que ocupam o harém (LENFANT, 2020, p. 15-6)<sup>2</sup>.

O uso do termo nos estudos sobre as mulheres persas é problemático, pois não transmite o sentido árabe original (e posterior), mas sim uma referência ao imaginário ocidental em relação ao mundo muçulmano desenvolvido a partir do século XVII, aquele do despotismo e exotismo, além da reclusão feminina (LENFANT, 2020, p. 20). Usar a palavra harém no estudo das mulheres persas requer ir além dos clichês orientalistas, sendo necessária uma crítica ao modo como o termo foi usado por muitos estudiosos ao longo dos últimos séculos e ainda o é por alguns no presente. Por esses motivos, preferimos não aplicar o termo harém neste artigo, optando pela denominação de mulheres da corte ao falar das rainhas, princesas e outras mulheres nobres que gravitavam em torno do Grande Rei. Definimos a corte pelo grupo de pessoas da elite e atendentes que orbitavam o monarca, assim como as estruturas política, militar, econômica e cultural da sociedade persa (LLEWELLYN-JONES, 2013, p. 9). Nas próximas páginas, analisaremos alguns casos apresentados por Heródoto que têm em centralidade mulheres persas de alta estirpe, mulheres que demonstram uma agência em suas sociedades para além dos clichês etnocentristas gregos.

## **A atuação feminina na continuação e consolidação do poder real**

No começo de sua obra, Heródoto afirma querer registrar os grandes feitos realizados por gregos e bárbaros, ‘μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα’, na guerra que marcou a primeira metade do século V a.C. entre os persas e as cidades da Hélade. Como a temática do conflito é central na obra, mesmo em suas muitas digressões, é significativo que Heródoto atribua à rainha Atossa certa responsabilidade por convencer o rei Dario a conquistar os gregos da Hélade. No livro III das *Histórias*, o autor descreve a história do crotoniata Demócedes, médico detido na corte persa, que curou a enfermidade que acometeu a rainha Atossa com a

---

<sup>2</sup> No original: “*harém means “forbidden” as well as “sacred”. It names (among other things) the part of the dwelling-house where the women live, and it is supposed to secure the utmost seclusion, since it cannot be entered by men other than close male members of the family. The word may also designate the collectivity of women who occupy the harem*”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

condição de que ela persuadisse Dario a atacar os gregos. Curada, ela fala ao rei da seguinte maneira:

Dispondo de tão grande poder, rei, permaneces inativo aqui, sem tentar acrescentar ao império dos persas outros povos e outras forças. A um homem jovem e senhor de tantas riquezas convém distinguir-se por algum feito, pois assim os persas saberão que são governados por um homem. Agir assim te será duplamente vantajoso: os persas se convencerão de que seu senhor é um homem, e com as atribulações da guerra eles não terão lazer para conspirar contra ti. Este é o momento de te distinguires graças a algum cometimento, pois agora estás em plena mocidade; enquanto o corpo se desenvolve, a mente se desenvolve com ele, mas ela também envelhece com ele enquanto ele envelhece e se torna lerda para todas as ações. (...) Reflete e desiste de atacar primeiro os citas; esse povo será teu quando quiseres. A meu pedido, marcha com teu exército contra a Hélade. Pelo que ouvi dizer, desejo ter serviçais lacônias, argivas, áticas e coríntias. Tens perto de ti, aliás, o homem mais apto de todos para instruir-te e orientar-te sobre todos os assuntos relativos à Hélade: o homem que curou teu pé [Demócedes] (HERODÓTO, III, 134)<sup>3</sup>.

Atossa convence Dario a adiar a conquista dos citas, direcionando seu olhar para o mundo grego. Apontar o desejo da rainha por serviçais helenas como sinal do luxo e excesso da sociedade persa nos parece uma solução muito trivial, introduzida na tradição que ressalta o Oriente e a corte persa em particular como um lugar de vícios e costumes rejeitados pelo ideal cívico ateniense. Por isso, optamos por nos concentrar em outros aspectos da narrativa.

A fim de induzir o rei a conquistar a Hélade, a rainha faz uso de uma linguagem que demarca uma diferença sexual, ‘ἴνα καὶ Πέρσαι ἐκμάθωσι ὅτι ὑπ’ ἀνδρὸς ἄρχονται’, ‘pois assim os persas saberão que são governados por um homem’, de modo que ao mesmo tempo em que afirma sua agência ao aconselhar e persuadir o rei, Atossa declara uma primazia masculina (DOMINICK, 2007, p. 434). Se expressando dessa maneira, a

---

<sup>3</sup> Todas as traduções das *Histórias* de Heródoto reproduzidas neste artigo são referentes à tradução de Mario da Gama Kury, de 1985.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

rainha apresenta diversos argumentos para tornar a guerra contra os gregos mais atrativa, como a solidificação de seu poder entre os persas.

Além de sua participação na direção do conflito com os gregos, Heródoto atribui a Atossa um papel importante na sucessão do trono persa. O autor conta que o rei exilado de Esparta Demáratos aconselhou Xerxes a afirmar sua prioridade como herdeiro, por ter nascido quando Dario já era rei da Pérsia:

Xerxes seguiu o conselho de Demáratos e Dareios, achando suas palavras justas, designou-o para ser rei. Segundo me parece, mesmo sem esse conselho Xerxes teria reinado, pois Atossa era todo-poderosa (HERÓDOTO, VII, 3).

O autor acrescenta um pormenor neste relato, afirmando que Xerxes teria reinado de qualquer maneira ‘pois Atossa era todo-poderosa’, ‘ἡ γὰρ Ἄτοσσα εἶχε τὸ πᾶν κράτος’, usando a palavra grega κράτος para definir a rainha, termo que indica força física e intelectual, mas também o poder de dominação, de autoridade soberana. A relevância atribuída a Atossa em dois eventos centrais nas *Histórias* e na política do império aquemênida, a guerra contra os gregos e a sucessão do trono, nos mostra um pouco do olhar grego em relação às monarquias que denominavam bárbaras, em especial a agência feminina.

Em seu estudo da corte persa, Llewellyn-Jones afirma que a mãe do rei tinha uma posição elevada entre as mulheres da corte, detendo um poder indireto que a tornava capaz de influenciar as decisões do monarca (LLEWELLYN-JONES, 2013, p. 111). Como filha de Ciro, Atossa carregaria ainda mais poder, ao unir Dario I e seus descendentes ao fundador do império aquemênida. A partir desta rainha, Heródoto atribui à mulher em suas *Histórias* um papel importante na transmissão e consolidação do poder, seja como filha, esposa ou mãe do rei (TOURRAIX, 1976, p. 369).

De acordo com um discurso específico, que diz respeito às mulheres da aristocracia, ou seja, esposas de cidadãos atenienses, o espaço destinado às mulheres gregas era o do lar, da manutenção da casa e de seus membros. Logo, as mulheres ditas ‘bem-nascidas’ deveriam ser submissas, silenciosas, frágeis (JUNQUEIRA, 2011, p. 77) e reclusas ao *oikos*, sem participação na vida pública, nas movimentações da *pólis*, exceto

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em ocasiões especiais nas quais sua presença era requerida, como rituais fúnebres e algumas cerimônias religiosas. Este se trata de um discurso singular e masculino, e tomá-lo como regra implica desconsiderar uma série de documentos que apontam para a atuação da mulher na vida pública e para práticas de subjetivação feminina, como diversos estudos sobre o mundo grego na Antiguidade desenvolvidos nas últimas décadas têm observado.

Isto posto, qual seria o objetivo de Heródoto ao atribuir tal agência à rainha Atossa em sua narrativa? Teria ele a intenção de assinalar a corte persa como um espaço ‘outro’, no qual se manifestavam os costumes considerados impróprios para sua audiência (o público ateniense do século V a.C.), como a participação feminina na política e sua influência nas deliberações dos homens aos quais se associam? Ou, tendo em mente que o discurso que afirmava uma restrição feminina ao *oikos* era particular a uma elite masculina, teria Heródoto buscado projetar no ambiente oriental práticas presentes na sociedade para a qual ele escreve? Mossé, em sua investigação acerca da mulher na Grécia Clássica, afirma que apesar da aparente dicotomia homem-público/mulher-privado o *oikos* também podia ser um centro de poder (MOSSÉ, 1991, p. 15). Ademais, a restrição da cidadania a filhos de pais e mães atenienses conferiu à mulher uma participação fundamental na manutenção da cidade, pois elas eram necessárias para sua reprodução. Portanto, podemos argumentar que assim como Atossa conferia legitimidade ao governo de Dario, como filha do fundador do império aquemênida, as mulheres atenienses conferiam legitimidade à cidadania masculina.

Outra personagem relevante quando pensamos na atuação feminina na continuação do império é Faidime, ao analisarmos uma das narrativas mais notáveis do livro III: a derrota dos magos. Heródoto conta que após a morte do rei Cambises, o trono da Pérsia foi usurpado por dois irmãos magos, enquanto um deles se passava ser Smerdis, filho de Ciro, que havia sido morto em segredo por ordem de Cambises. Desconfiado da real identidade do aparente rei, o persa Otanes manda sua filha Faidime, que era esposa de Cambises e com sua morte se tornou esposa do próximo rei, para verificar se aquele era mesmo Smerdis, irmão de Cambises e filho de Ciro. Nunca tendo conhecido o real Smerdis e isolada das outras mulheres da corte que o conheceram, Faidime não teve outra

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

opção além de verificar as orelhas do mago enquanto ele dormia, pois Ciro havia mandado cortar suas orelhas muito tempo antes.

Essa Faidime filha de Otanes cumpriu em todos os pontos a promessa feita ao seu pai. Chegando a sua vez de ir deitar-se com o mago (as mulheres persas vão deitar-se com os maridos segundo um escalonamento pré-determinado), ela ficou ao seu lado e tateou-lhe as orelhas aproveitando-se de seu sono profundo; não lhe foi difícil perceber que o mago não tinha orelhas, e ela mandou dizer isso ao seu pai quando nasceu o dia (HERÓDOTO, III, 69).

A filha de Otanes se coloca como um agente essencial na descoberta dos magos e sua conseqüente derrota pelos sete conjuradores, entre eles Dario, que se tornaria o próximo rei da Pérsia. Ignorando o risco a si mesma, Faidime age a pedido do pai e passa a ele a informação crucial sobre a identidade do suposto rei, se mostrando fundamental para os acontecimentos políticos seguintes. Como Atossa, em seu papel de filha, esposa e mãe do rei, Faidime nos parece central no *logos* político transmitido por Heródoto.

## **O rei e suas paixões: agência feminina, hýbris, crueldade(?)**

Mais uma narrativa que possui uma posição relevante na obra é aquela dos amores de Xerxes, que nos permite analisar mais três mulheres da corte persa. Ao final do livro IX, Heródoto conta como o rei se apaixonou pela esposa de seu irmão Masistes durante sua estadia em Sardes, e como falhou em conquistar seu afeto. Sem desistir de seu objetivo amoroso, quando retornou à Susa Xerxes decidiu casar seu filho Dario à Artaínte, filha da esposa de Masistes, mas acabou transferindo suas afeições para a jovem, que diferente da mãe, cede às investidas do rei. Quando Xerxes presenteia Artaínte com um traje feito a ele por sua esposa Amestris, a rainha descobre sobre o relacionamento e decide se vingar da mãe de Artaínte, por achar que ela era a culpada pelo caso:

convencida de que a culpada e autora daquilo era a mãe de Artaínte, Amestris resolveu eliminar a mulher de Masistes. Ela esperou a oportunidade de um banquete real oferecido por seu marido Xerxes (esse banquete é servido uma vez por ano, no dia do aniversário de nascimento do Rei; seu nome na língua persa é *ticta*, equivalente na língua helena a “perfeito”); somente nessa ocasião

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Rei perfuma a cabeça, e durante o banquete ele oferece presentes aos persas). Amestris, tendo esperado esse dia, instou Xerxes a dar-lhe de presente a mulher de Masistes. (HERÓDOTO, IX, 110).

(...) Amestris havia mandado chamar os guardas de Xerxes e ordenou a mutilação da mulher de Masistes; decepou-lhe os seios, mandando jogá-los aos cães, e o nariz e as orelhas e também os lábios, e cortou-lhe a língua, e mandou-a para casa assim mutilada (IX, 112).

Amestris pode ser identificada pelo estereótipo da rainha vingativa e cruel, de inteligência e autocontrole masculinos, ou como Gray argumenta, a inversão da mulher masculina, representando o ‘outro’ para uma audiência acostumada a mulheres pouco ativas (GRAY, 1995, p. 201-2). No entanto, para além da crueldade, as ações de Amestris demonstram capacidade deliberativa e agência consideráveis. Sem se deixar dominar pelas emoções, ela espera e planeja o melhor momento para agir, quando o rei não poderia negar seu pedido. Tendo posse da esposa de Masistes, a rainha manda que ela seja mutilada antes de ser devolvida ao marido, o que motiva Masistes a se revoltar contra o rei Xerxes, levando à destruição de sua casa. Amestris age diante de uma injustiça cometida a ela pelo marido, que violou as normas de sua sociedade ao buscar relações com a esposa de seu irmão e a filha desta, se deixando levar pela *hýbris*, a paixão desmedida. O caso de Amestris é com frequência analisado em diálogo com a narrativa da esposa de Candaules<sup>4</sup>, rei da Lydia, do livro I das *Histórias*, na qual uma esposa também age por conta dos excessos amorosos do rei, se comportando de maneira independente e interferindo na política do reino. Dewald aponta que

Amestris e a esposa anônima de Candaules pensam e agem de maneira independente, protegendo seus interesses contra os abusos de seus maridos. Elas têm sucesso pois nenhum dos homens em suas narrativas pensa na possibilidade de um comportamento independente de sua parte. Embora seja

---

<sup>4</sup> Heródoto conta que tomado de paixão por sua esposa, Candaules insere seu guarda Gíges no quarto conjugal para observar a beleza de sua mulher. Indignada com a afronta cometida pelo marido, a rainha chama Gíges e o manda escolher entre tomar o trono de Candaules e a morte. Dessa maneira, a esposa de Candaules se coloca como agente no fim da dinastia dos Heráclidas na Lídia (HERÓDOTO, I, 10-2). Para mais referências: LARSON, 2006; TOURRAIX, 1976.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

improvável que alguém as cite como representantes de um ideal de devoção conjugal, Heródoto mostra que, de acordo com os costumes e convenções de suas sociedades, elas evitam as ameaças que as confrontam de maneira eficiente (DEWALD, 1980, p. 14)<sup>5</sup>.

A estratégia narrativa de nomear e não-nomear determinadas mulheres pode ser observada ao longo das *Histórias*, escolha que pode ter sido influenciada pela prática ateniense de suprimir os nomes de mulheres respeitáveis em espaços públicos. Lembramos que, de acordo com o ideal feminino aristocrático, não era considerado apropriado que as esposas de cidadãos tivessem seus nomes mencionados no ambiente público, o que nos leva a inferir que ao suprimir o nome da esposa de Masistes, Heródoto a marca com respeitabilidade e honra na narrativa (LARSON, 2006, p. 226). Apenas ela, a esposa leal e vítima inocente, permanece não-nomeada, enquanto Artaínte, que cede aos avanços do rei, e Amestris, que se comporta de maneira inclemente, são nomeadas.

Heródoto coloca, no centro desta narrativa que finaliza sua obra, três mulheres da nobreza persa, membros da corte do rei, que se envolvem nos acontecimentos políticos dos quais, segundo o ideal cívico ateniense, elas deviam ser banidas. A esposa de Massistes é inserida no contexto pela paixão de Xerxes, mas é a reação de sua filha, ao se envolver com o rei, que acaba por desencadear os acontecimentos que se seguem. Amestris transfere um assunto pessoal para o contexto público, pedindo a esposa de Masistes como presente em uma ocasião na qual Xerxes não poderia negar, como única maneira de reparar a afronta cometida contra si mesma. Com suas ações, a rainha estimula o conflito entre os irmãos Xerxes e Masistes, causando o fim de um ramo da família real persa.

## Considerações finais

---

<sup>5</sup> No original: “Both Amestris and the anonymous wife of Candaules think and act independently, safeguarding their own interests against husbandly abuse. They succeed precisely because none of the men about them entertain the possibility of their independent behavior. Although no one is likely to cite Amestris or Candaules' wife as representatives of the highest ideal of wifely devotion, Herodotus takes pains to show that, given the *nomoi* or conventions of their societies, they efficiently ward off real threats that confront them”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao longo deste artigo, buscamos mostrar como as cinco mulheres da corte persa analisadas, Atossa, Faidime, Artaínte, Amestris e a esposa de Masistes, de maneira direta ou indireta influenciam os acontecimentos políticos da sociedade persa. Nos afastando da visão etnocêntrica de um Oriente de homens dominados por conspirações de mulheres da corte, mostramos uma agência feminina no ambiente ‘bárbaro’, que pode ser lida como espelho de ações notadas pelo autor no mundo grego. Como argumentamos, a escolha de Heródoto por marcar determinadas ações na corte persa nos parece, ao contrário do que a interpretação etnocêntrica proclama, uma tentativa de projetar no mundo oriental e nas mulheres persas ações observadas nas mulheres gregas, quando associamos o estudo da alteridade persa ao estudo das mulheres na sociedade ateniense.

## Referências bibliográficas

### *Fontes*

HERODOTUS. *Vol. I*. Cambridge: Harvard University Press; London: Heinemann, 1975. With notes and english translations by A.D. Godley.

HERODOTUS. *Vol. II*. Cambridge: Harvard University Press; London: Heinemann, 1928. With notes and english translations by A.D. Godley.

HERODOTUS. *Vol. III*. Cambridge: Harvard University Press; London: Heinemann, 1938. With notes and english translations by A.D. Godley.

HERODOTUS. *Vol. IV*. Cambridge: Harvard University Press; London: Heinemann, 1969. With notes and english translations by A.D. Godley.

HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury.

### *Estudos*

ANDRADE, Marta Mega de. *A “cidade das mulheres”*: Cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexander: a history of the persian empire*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2002.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CARRILHO, Susana Maria Marques. *Representações do feminino nas Histórias de Heródoto*. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, 2013.

DEWALD, Carolyn. "Biology and Politics: Women in Herodotus' "Histories"". *Pacific Coast Philology*, v. 15, p.11-18, set. 1980.

DEWALD, Carolyn. "Women and culture in Herodotus' *Histories*". *Women's Studies*, v. 8, p. 93-127, 1981.

DOMINICK, Yancy Hughes. "Acting Other: Atossa and Instability in Herodotus". *The Classical Quarterly: New Series*, v. 57, n. 2, p.432-444, dez. 2007.

FANTHAM, Elaine; FOLEY, Helene Peet; KAMPEN, Natalie Boymel; POMEROY, Sarah B.; SHAPIRO, H. A.. *Women in the Classical World: image and text*. New York: Orford University Press, 1994.

FOLEY, Helene P. (org.). *Reflections of Women in Antiquity*. 4. ed. Abingdon: Routledge, 1992.

GARCÍA-SÁNCHEZ, Manel. *El gran rey de Persia: Formas de representación de la alteridad persa en el imaginario griego*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2009.

GARCÍA-SÁNCHEZ, Manel. "Soberba y molície: Cambises, Jerjes, Darío III Codomano y otros ilustres perdedores aqueménidas". In: SIMÓN, Francisco Marco; POLO, Francisco Pina; RODRÍGUEZ, José Remesal. *Vae Victis! Perdedores en el mundo antiguo*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2012. p. 43-55.

JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. *Imagens da mulher grega: Heródoto e as pinturas em contraste*. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

HALL, Edith. *Inventing the barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy*. New York: Oxford University Press, 1991.

LARSON, Stephanie. "Kandaules' Wife, Masistes' Wife: Herodotus' Narrative Strategy in Suppressing Names of Women". *The Classical Journal*, v. 101, n. 3, p.225-244, mar. 2006.

LENFANT, Dominique. "The notion of Harem and its irrelevance to women of the Persian Court". *Ancient Society*, Leuven, v. 50, p. 13-27, 2020.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LLEWELLYN-JONES, Lloyd. *King and Court in Ancient Persia 559 to 331 BCE*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

MOSSE, Claude. *La mujer en la Grecia clásica*. 2. ed. Madrid: Nerea, 1991.

STRID, Ove. “Voiceless Victims, Memorable Deaths in Herodotus”. *The Classical Quarterly*: New Series, v. 56, n. 2, p.393-403, dez. 2006.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

POMEROY, Sarah B.. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: women in classical antiquity*. New York: Schocken Book, 1975.

SEBILLOTTE-CUCHET, Violaine. “Quais direitos políticos para as cidadãs na Atenas Clássica?” *Revista Hélade*, v. 4, n. 1, p. 143-158, set. 2018.

TOURRAIX, Alexandre. “La femme et le pouvoir chez Hérodote”. *Dialogues d'Histoire ancienne*, [s. l], v. 2, p. 369-386, 1976.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

ZANCO, Amabile Helena. “Heródoto e as mulheres bárbaras: a nomeação e não-nomeação de mulheres na História”. *Mythos - Revista de História Antiga e Medieval*, Imperatriz, n. 2, p. 36-50, jun. 2021.